

## **A formação de clichês nas comédias românticas brasileiras - um percurso por lugares cotidianos e sua configuração em espaços nas narrativas.<sup>1</sup>**

Paula Lagoeiro Jorge Muniz<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O artigo baseia-se em pesquisa quali-quantitativa, realizada pela autora, em 2021, sobre títulos brasileiros do gênero comédia romântica, disponíveis no catálogo da Netflix, e visa observar a transposição dos ambientes cotidianos de lugar a espaço (CERTEAU, 1998) nas narrativas por meio da análise de dois momentos icônicos para o formato: o primeiro encontro do casal protagonista e o *happy end*. Utilizando-se de elementos diegéticos que conformam as cenas e que, se tornam passíveis de performar clichês, ou imagens-lei (GUÉRON, 2011), buscamos identificar a incidências de relatos similares na construção do imaginário popular, por meio da reincidência de elementos nos diferentes títulos, que reforçam a representação idealizada do amor na mídia.

**PALAVRAS-CHAVE:** comédia romântica; imagem-lei; clichê; representação; espaço.

### **CORPO DO TEXTO**

O amor romântico é moldado na idealização e a indústria cultural tem papel fundamental na construção de suas crenças, valores e expectativas que impulsionam o indivíduo a desejar um ideal de felicidade diretamente ligado a possibilidade de completude no outro e, que em sua produção de sentidos apontam, ainda que inconscientemente, como o sujeito deve se sentir ou como reagir, condicionando-o, desde a infância, a buscar o *happy end*, o amor contra todos os males (LINS, 2017). O gênero comédia romântica que, por meio de seus códigos e elementos diegéticos reiterados continuamente em incontáveis obras, alimenta a representação idealizada do amor para o senso comum utilizando-se frequentemente de cenários reconhecíveis no cotidiano – sejam eles: ambientes triviais, ícones arquitetônicos ou paisagens naturais – e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano – UFF, e-mail: [paula.lagoeiro@gmail.com](mailto:paula.lagoeiro@gmail.com)

transformam esses lugares em espaços através dos relatos, ou seja, por meio da conjunção de enunciados que formam a narrativa construída para determinada história.

Um forasteiro que chega em uma cidade, jovens que se opõe na escola, o fator destino em uma grande cidade, caminhar de mãos dadas na beira da praia, um beijo na chuva em um parque, o desencontro na plataforma de metrô, a corrida para alcançar a antessala de um aeroporto. Estas descrições de cenas são facilmente acessadas no repertório de enunciados do gênero comédia romântica e, quando articuladas no percurso da narrativa, padronizam a imagem e destinam a sua composição uma série de valores perante ao que se expressa (GUÉRON, 2011). O cotidiano das cidades, quando representado por meio de relatos ficcionais, reforça as imagens de seu percurso, formando assim um ambiente vivo, envolto em elementos que determinam a ação de seus personagens e traduzem os espaços como “lugares praticados, para nossa compreensão de análise: a cena. Tais como os elementos fílmicos, os relatos “... atravessam e organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços.” (CERTEAU, 1998, p.199)

A identificação de lugares – tal qual a esfera em que se ordenam elementos – e sua transposição para espaços – como representação através do relato, da ação narrada, operam como mediador “das operações que os orientam, o circunstanciam, o temporalizam” tais ambientes.(CERTEAU, 1998, p. 202). A articulação dos enunciados que formam às imagens fílmicas produzem percursos para leitura de códigos pré-estabelecidos e que proporcionam a formação de clichês ou de imagens-lei que permitem, ainda que genericamente, a assimilação de seus códigos através de múltiplos referenciais que constituem a cadeia de formação da representação do amor na sociedade contemporânea.

Quando o ordinário, o cotidiano, passa a ser codificado e comercializado em imagens audiovisuais sua reprodução passa a ser interpretada como algo excepcional. O sujeito, imerso em uma polifonia de códigos sociais que produzem subjetividades, otimizado pelo caráter glocalizado de linguagem presente nas produções audiovisuais contemporâneas, nas quais características globais e locais são mescladas, produzindo sentidos amplamente assimilados pela audiência, identifica essas representações nas imagens fílmicas e, uma vez que, afetados por elas através do processo de subjetivação,

as projetam no reconhecimento de lugares da cotidianidade e buscam tecer, ainda que de forma inconsciente, percursos similares para si.

. Envolto pela perspectiva de tornar suas experiências em “de fato, um verdadeiro filme” – o sujeito mimetiza falas e comportamentos já processados como românticos, seja na sua performance nos produtos audiovisuais ou na reprodução de seus clichês na prática ordinária da vida. Assim como no espaço midiático, não há vida cotidiana sem imitação.

[...] sem mimese, nem o trabalho, nem o intercambio seriam possíveis. Como sempre, o problema reside em saber se somos capazes de produzir um campo de liberdade individual de movimentos no interior da mimese, ou, em caso extremo, de deixar de lado completamente os costumes miméticos e configurar novas atitudes. (HELLER, 2014, p. 55).

Para Félix Guattari a ideia de subjetividade não advém de “uma simples somatória de subjetividades individuais”, mas que a subjetividade individual “resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas, de mídia, etc.”, no qual o sujeito está centrado no meio de uma profusão de códigos que promovem sentidos. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 34). Considerando as contribuições de Beatriz Jaguaribe (2007), uma das “(...) postulações da modernidade tardia é a percepção de que os imaginários culturais são parte da realidade e que nosso acesso ao real e à realidade somente se processa por meio de representações, narrativas e imagens” (JAGUARIBE, 2007, p.16). Ao reconhecer suas imagens ou outras, codificadas nas múltiplas telas, o sujeito contemporâneo é intimamente entrelaçado pelo processo de estetização da vida cotidiana.(LIPOVETSKY; SERROY, 2015)

A articulação das relações afetivas projetadas sob o prisma de sua representação na imagem fílmica nas comédias românticas, ademais do ato estratégico da estruturação de narrativas aderentes aos esquemas próprios do gênero, possibilita a produção de uma série de imagens clichês, que atuam como imagens-leis definindo fronteiras de significados, padronizando o ver e “esvaziando” as imagens da representação midiática do amor na contemporaneidade

Através da análise de vinte e sete títulos brasileiros, que compõe o catálogo de streaming disponível na plataforma Netflix, classificados como pertencentes ao gênero

comédia romântica<sup>3</sup> (MUNIZ, 2021), verificaremos a reincidência de lugares e da combinação de relatos (elementos diegéticos) no percurso dos espaços em dois momentos comuns para estruturação da narrativa de gênero: o primeiro encontro entre o casal principal em cena e o happy end. O recorte busca identificar como a estruturação das narrativas exploram tais elementos para construção de clichês sobre o amor no contexto brasileiro visando traçar um panorama sobre as obras elencadas e seus pontos de contato no exercício de formação de imagem.

## REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano - Artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica Cartografias do Desejo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GUÉRON, Rodrigo. **Da imagem ao clichê, do clichê à imagem: Deleuze, cinema e pensamento**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2011.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

JAGUARIBE, Beatriz. **O choque do real: estética, mídia e cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LINS, Regina Navarro. **Novas formas de amar**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A esteiração do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MUNIZ, Paula. **Formação de clichês nas comédias românticas brasileiras - Parte 1**. 2021. Disponível em:

[https://drive.google.com/file/d/1kgdVUay89yPFepWHU9izM62F1yghcd1/view?usp=sharing&usp=embed\\_facebook](https://drive.google.com/file/d/1kgdVUay89yPFepWHU9izM62F1yghcd1/view?usp=sharing&usp=embed_facebook). Acesso em: 7 set. 2021.

---

<sup>3</sup> Pesquisa em andamento realizada pela autora, que verificou no período de 31/08/2021 e 02/09/2021 na plataforma Netflix títulos de produção brasileira classificados como comédia romântica. Os primeiros resultados da pesquisa podem ser verificados no seguinte link:

<https://drive.google.com/file/d/1kgdVUay89yPFepWHU9izM62F1yghcd1/view?usp=sharing>